11º Encontro Internacional de Política Social
18º Encontro Nacional de Política Social
Tema: Entre o capital e a vida: questão social, crise ambiental e resistências
Vitória, ES, Brasil, 18 a 20 de agosto de 2026

Eixo: Democracia, participação e movimentos sociais

Saúde através das palhas de Obaluaê: saberes tradicionais no SUS

Gabriela Conte Nunes[1]

Maria Helena Elpídio de Jesus[2]

Sabrina Luciano Ramos[3]

Thamiris Bernado Coutinho[4]

Resumo: O presente trabalho possui como objetivo apresentar o processo de incorporação de saberes dos povos tradicionais de matriz africana no SUS como práticas integrativas e complementares (PIC's). Objetiva-se analisar a produção de saúde a partir dos terreiros, os desafios para sua incorporação na política de saúde mediante a persistência do racismo religioso e identificar a participação do movimento negro neste processo. Conclui-se como a cultura iorubana traz consigo ritualísticas que atuam no enfrentamento ao racismo como iniquidade em saúde e o protagonismo dos povos de terreiro no tensionamento para uma política de saúde pública antirracista.
Palavras-chave: matriz africana; saberes tradicionais; terreiros; saúde integral da população negra;PIC's.

Health through the straw of Obaluaê: traditional knowledge in the Brazilian public health system (SUS)

Abstract: This study aims to present the process of incorporating the knowledge of traditional afro-Brazilian peoples into the Brazilian unified health system (SUS) as integrative and complementary practices (PICs). It analyzes the production of health from the perspective of afro-Brazilian religious centers (terreiros), the challenges to their incorporation into health policy given the persistence of religious racism, and identifies the participation of the black movement in this process. The conclusion is that Yoruba culture brings with it ritualistic practices that address racism as a form of health inequity, and highlights the leading role of afro-Brazilian religious centers in pushing for an anti-racist public health policy.
Keywords: African matrix; traditional knowledge; religious centers; comprehensive health of the black population; PIC's**.**

1. Introdução

O dia 05 de agosto é intitulado Dia Nacional da Saúde, segundo a Lei nº 5.352/1.967. Esta mesma data marca o ritual de início do Olubajé, tradição celebrada

[1] Formada em Serviço Social (UFES). Email: gabriela.nunes.98@edu.ufes.br
[2] Doutora em Serviço Social (UERJ), professora do Departamento de Serviço Social (UFES) e professora do programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS/UFES). Email: lenaeabreu@gmail.com
[3] Formada em Serviço Social (UFES) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS/UFES). E-mail: sabrinaluciano01@gmail.com
[4] Formada em Serviço Social (UFES). Email: thamiris.bernado.coutinho@gmail.com

pelos adeptos de religiões de matriz africana em que homenageia-se o Orixá Omolu ou Obaluaê, divindade do panteão africano iorubano, vinculado aos atravessamentos entre saúde-doença, às mazelas do mundo, à cura e as feridas da humanidade. Segundo as tradições iorubás, Obaluaê ao percorrer o mundo compadeceu-se do sofrimento dos seres humanos e sentiu em sua própria pele as chagas, dores e doenças, de forma que os processos de adoecimento e cura estejam vinculados ao que é sagrado. Omolu ou Obaluaê é coberto por palhas que simbolizam a cobertura das feridas e enfermidades em seu corpo. Os saberes tradicionais medicinais de religiões de matriz africana, que perpassam gerações, são elementos populares da cultura afro-brasileira, expressos na produção de medicamentos naturais, na manipulação de ervas e sementes para fins medicinais e diversos outros instrumentos voltados para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos. Há uma máxima que conta o itan de Ossaim, orixá responsável pelas ervas que curam (outra divindade da família Ijí, que tem como domínio o elemento terra, cujo Rei é Obaluaê), e pressupõe que sem folha, não existe Orixá – "Kosi Ewè, Kosi Orixá". Esse é um dos provérbios do Candomblé mais conhecidos, que pode significar em algumas interpretações "Quem não entende as Ervas, não entende Orixá". As ervas são muito importantes no Candomblé e são usadas em todos os rituais.

Em 2006 foi publicada a Portaria Ministerial nº 971 que aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), ferramenta complementar no cuidado à saúde que sob "justificativas de natureza política, técnica, econômica, social e cultural" têm o objetivo de "atuar nos campos da prevenção de agravos e da promoção, manutenção e recuperação da saúde baseada em modelo de atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo", de forma a fortalecer os princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (Ministério da Saúde, 2006, p. 4 e 5). Todavia, a implementação de saberes afro-brasileiros na política de saúde pública como práticas integrativas e complementares - pic's - confronta-se com um Estado e sociedade marcados pela hostilidade contra o que é oriundo da cultura negra eafricana,de forma que o poder público, de maneira ampla, tenha muita resistência em incorporar as práticas oriundas da cultura de religiões afro-brasileiras na política de saúde dos territórios (muito embora, elas estejam presentes no cotidiano de diversas comunidades rurais e urbanas).

Na primeira parte deste trabalho aborda-se aspectos específicos da cultura afro-brasileira, que tem como base a cultura iorubana, de forma a analisar ritos que fazem parte de sua tradição. O segundo momento tratará do processo de implementação de saberes tradicionais de matriz africana no SUS através das pic's, analisando a transversalidade entre política de saúde e igualdade racial na perspectiva integral do processo saúde-doença. Também trará a análise do racismo como uma iniquidade em saúde, de modo a analisar a resistência na incorporação dos saberes tradicionais de matriz africana no SUS como pic's mediante essa realidade.

2. Os saberes medicinais dos povos de matriz africana

Nas comunidades tradicionais de terreiros de matriz africana existe uma organização bio-mítico-social dos sujeitos forjada na relação com divindades e ancestrais. As divindades (òrìsà ou orixás) estão associadas à origem da criação, à natureza e à vida no universo invisível (Santos, 2008). O indivíduo, nas comunidades tradicionais de terreiro de matriz africana, se constitui mítico-socialmente a partir do significado simbólico e das propriedades materiais dos orixás, que são símbolos coletivos míticos dos quais partes individualizadas se desprendem para constituir elementos de um indivíduo singular. A cabeça (orí) e o corpo (ara) de cada indivíduo são modelados com as propriedades materiais dos orixás, sendo elas: terra, água, fogo e ar, por exemplo, mas a existência individualizada de cada indivíduo se constituirá a partir da combinação de elementos situados no interior da cabeça (orí-inú); permitindo compreender a importância do equilíbrio e firmeza do orí diante das diversas situações da vida. Nesse processo a natureza não se separa do humano, pois trata de vida e sobrevivência coletiva de interdependência; tudo é assim, sagrado.

Orí é um conceito da cultura iorubá que significa "cabeça" e está relacionado com a consciência e o destino das pessoas. É o elo entre o ser humano e as divindades, responsável por orientar as pessoas em suas escolhas, por moldar o destino de cada indivíduo e proteger e cuidar do homem. Segundo Lages (2023), um orí em desequilíbrio é capaz de trazer diversas enfermidades para o sujeito, e para que essas enfermidades sejam tratadas, as religiões de matriz africana possuem diversos rituais, como por exemplo o "bori", ritual em que se acredita que dar comida e bebida (específicas) à "cabeça" fortalece o orí. Logo, é tido como uma divindade e durante os rituais são

utilizadas ervas e outros elementos oriundos da natureza para que se mantenha um equilíbrio pleno com o todo. As ervas e folhas (ewe), que são o reino de Ossaim (membro da família Ijí) que ainda caminha nas matas governadas por Oxossí são essenciais e necessárias em rituais de cuidados ao orí, pois é a partir destas ervas que se tem conexão com o cosmo. Sem ewe não se tem orixá, ou seja, sem as ervas e outros frutos oriundos de Ayê (àiyé), terra, não se tem um equilíbrio e uma organização mental e vital para se obter a sabedoria.

Segundo Braga, Barros e Rodrigues (2017), plantas utilizadas na medicina tradicional africana, como exemplo o capim-santo, também conhecido como capim-limão, capim-cidreira ou erva-príncipe, são de primordial importância para a religião e suas celebrações. Esses saberes tradicionais milenares são passados de geração em geração através dos ofós - cantigas e canções (pontos) transmitidas oralmente - com todo o respeito e cuidado a fim de se preservar a tradição. Tais canções possuem explicações de suas celebrações e tratamentos, da utilização e determinação de plantas e ervas a serem utilizadas. O capim-santo é uma erva destinada aos orixás Oxóssi e Xangô, sendo utilizado na preparação de banhos de purificação e chás, tratando de tosses, resfriados, problemas digestivos e bronquites, e sendo considerada uma planta sagrada pois é utilizada em defumações para a fortificação de espíritos defensores. Outro exemplo é a camomila, popularmente conhecida também como macela, destinada aos orixás Oxalá e Oxum; se trata de uma erva calmante, digestiva, que atua contra dores de cólicas, depressão e ansiedade, utilizada em banhos de descarrego (abo). A Melissa, ou erva-cidreira, também está muito presente em banhos e defumações das tradições africanas, atuando como calmante, nas perturbações nervosas e insônias. E, não menos importante, o Pau de Angola, ou conhecido como guando, uma erva utilizada em todas as obrigações, onde suas pontas do ramo são utilizadas no combate de hemorragias e suas flores na moléstia dos brônquios e pulmões (Braga; Barros; Rodrigues, 2017). Nesse sentido, os orixás são entidades divinas, forças da natureza associadas à organização do cosmos que regulam as relações e forças vitais do cosmos enquanto totalidade, interiorizando no ser humano elementos da natureza marcando a sua pertença a uma ordem cósmica (Santos, 2008). Toda existência, todos os seres – vegetal, mineral, animal, humano, antepassado, ancestral, divindade – têm força vital, de modo que essas forças são a extensão, o prolongamento umas das outras. Sendo o axé uma das três forças regentes no universo,

são elas: Iwá, a força da existência; Axé, a força que possibilita que essa existência continue; e Abá, a força que dá uma direção ao axé (Guimarães, 2017). O axé, é o princípio fundamental da realidade e de toda a vida, o princípio da existência de uma força dinâmica que proporciona o movimento, a circulação e a troca do todo com o todo, resultando no mercado-ojá.

Nascimento (2016) mostra em seu texto que o mercado-ojá, diferentemente do mercado capitalista, não se trata de um local de incentivo e enriquecimento gerado pela acumulação de bens materiais, se trata de um local de troca e movimentação do axé, que vai para além do valor do dinheiro capitalista. O autor, nessa perspectiva, mostra como a economia da cultura iorubá se baseia na dinâmica em que tudo é circulável desde que não haja exploração da força de trabalho, se mostrando muito mais do que a precificação exigida no sistema capitalista, pois se trata de um ciclo de interdependência com base na troca. Compreende-se que produzir força vital no terreiro se dá por meio da compreensão e da vivência na dinâmica civilizatória negro-africana, em seus valores, sistemas de ideias, concepções e organizadores invariantes (Alves; Jesus; Seminotti, 2017). Não obstante, essa vivência precisa ocorrer de modo integral, isto é, precisa transversalizar todas as dimensões da vida (materiais, espirituais, no âmbito da saúde e econômico). Afinal, na cosmovisão da cultura iorubá, o ser humano é visto interligado em um todo, em uma unidade, em uma comunidade, em uma sociedade e a partir do momento em que ele passa a viver de modo fragmentado ele se desarmoniza com o todo, com o cosmos. A vida em comunidade é uma condição indispensável para o sujeito compreender e agir no mundo. Dito de outro modo, nessa cosmovisão de mundo o sujeito se constitui na coletividade. O construto comunidade tradicional de terreiro de matriz africana é compreendido como a materialização simbólica e concreta do complexo cultural negro-africano, que se mantém vivo e incorporado à sociedade brasileira por meio de organizadores civilizatórios invariantes, como por exemplo: tradição oral, sistema oracular divinatório, culto e manifestação de divindades, ritos de iniciação e de passagem. Desse modo é uma das formas mais eminentes da resistência da cultura africana em território brasileiro durante séculos, constituindo boa parte da estrutura da sociedade brasileira através de seus saberes tradicionais passados de geração em geração mesmo que em determinados grupos étnicos não seja validada suas origens de África os quais se remetem ao cuidado à saúde dos sujeitos.

3. O Racismo como iniquidade em saúde e os Terreiros como promotores de saúde

Alinhado ao conceito ampliado de saúde proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), as tradições medicinais provenientes de terreiros de matriz africana olham os sujeitos como seres integrais em seu vínculo com o território, a ancestralidade e a espiritualidade (Fiocruz, 2024). O lugar ocupado pelas plantas medicinais nos territórios tradicionais oriundos de religiões de matriz africana, como esses saberes afro-brasileiros se materializam na prática e as contribuições que podem trazer de forma integrativa ao SUS tem sido objeto de tensionamento do controle social frente a política de saúde. Esse processo vem fomentando a ampliação da discussão entre pesquisadores, integrantes de territórios tradicionais e profissionais da saúde que buscam analisar o racismo como um determinante social em saúde e fortalecer o princípio básico da integralidade no SUS através da transversalidade entre igualdade racial e política de saúde, se tratando sobretudo da garantia dos princípios previstos na Política Nacional de Saúde da População Negra. É necessário não reduzir as plantas medicinais a um fitoterápico que carrega princípios ativos, mas a partir da medicina tradicional africana compreender de forma ampliada como ocorre a ativação destas para que de fato a cura da doença seja alcançada (Fiocruz, 2024)

O racismo como fenômeno social, histórico e estrutural se conecta profundamente à sociedade de classes, sobretudo em contextos marcados pelo colonialismo e pela escravidão. Sua estruturação reflete a interação de hierarquias econômicas, políticas e culturais criadas e mantidas ao longo do tempo para consolidar um sistema capitalista que gera morte e desigualdades. Segundo Moura (1994, p. 5) “O imperialismo multiplica as formas do racismo, “moderniza-o” na medida em que há necessidade de uma arma de dominação mais sofisticada”.

> Ademais, temos uma dívida histórica com os povos originários e afrodescendentes em toda a América Latina e Caribe como forma de reconhecimento do silenciamento, apagamento, roubo e dilapidação destes povos e seus territórios no processo de colonização e do desenvolvimento capitalista pautado em expropriações. Estas marcas se fazem presentes por meio da superexploração do trabalho, dos impactos das profundas desigualdades sociais, da devastação cultural e ambiental promovidas pelo racismo encarnado na formação social dos seus países. (ELPIDIO et. al., 2024, p. 57).

Dessa forma, epistemologias de inferioridade foram produzidas. Essas culturas, conhecimentos e modos de vida das populações não europeias foram deslegitimados, reforçando a hegemonia cultural, ao mesmo tempo em que forneceram

as bases estruturais para a afirmação da desigualdade estrutural. O racismo que incide sobre adeptos de religiões de matriz africana no Brasil não diz respeito apenas a ataques contra sujeitos isolados de pele preta ou parda que manifestam suas expressões religiosas, mas, sobretudo no incômodo que a herança africana como forma de epistemologia e cosmovisão traz consigo. Reverter a lógica do negro (em sentido ampliado) no lugar de submisso para sujeito revolucionário perpassa a valorização de sua identidade, legado e importância para a construção do que se compreende hoje como Brasil, de forma a tornar as expressões dessa herança como referenciais para se pensar um país que um dia possa ser nação. Nesse sentido, é corroborado o papel dos terreiros como multiplicadores de iniciativas voltadas à preservação do patrimônio histórico imaterial. Ao chegarem ao Brasil e serem separados brutalmente de seus povos, os negros buscaram meios de se organizarem através das nações, que "referem-se à origem étnica da matriz cultural seguida em determinado terreiro" (Pazini; Pereira, 2021, p.105), a fim de se identificarem, construírem um sentimento de pertença e conseguirem apoio uns com os outros, compartilhando e reforçando suas crenças e tradições, e sendo resistência.

A população negra no Brasil convive com a persistência estrutural da violência contra seus corpos e identidades em meio a uma realidade socioeconômica que utiliza dos dispositivos raciais para inferiorizar cidadãos, de modo a justificar explorações e a falta de direitos. As assimetrias raciais expressas em violações sistemáticas de direitos humanos contra a população negra são assumidas e enfrentadas a "passos lentos" pelo Estado brasileiro, ainda vigorando o racismo estrutural em suas múltiplas dimensões, a institucional, individual, religiosa, ambiental ou recreativa.

O Relatório Final da 17º Conferência Nacional de Saúde de 2023 traz dentre suas propostas:

> Valorizar as práticas populares de cuidado e aqueles(as) que as desenvolvem como parteiras, pajés, benzedeiras, rezadeiras, práticas de terreiros de matriz afro-brasileira, entre outras; reconhecer e promover o diálogo das mesmas com as equipes de saúde do SUS, de modo a intensificar a articulação entre as PICS e as práticas populares de cuidado e ofertar processos formativos públicos que preservem e dialoguem com os saberes populares, ancestrais e com o desenvolvimento de uma pedagogia do cuidado promotora de maior respeito com a natureza, autonomia no cuidado e comprometida com um projeto popular de saúde defensor do SUS. (BRASIL.CNS, 2023 p.111 e 112).

Para além de episódios de racismo religioso no cotidiano do acesso a serviços públicos de saúde, cabe questionar qual é o lugar que as políticas públicas têm colocado as identidades, saberes e heranças provenientes de unidades territoriais tradicionais afro-brasileiras. Apesar do SUS incorporar a Medicina Tradicional e Complementar desde 1980 e formalizá-la através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em 2006, com oferta de serviços como a acupuntura, proveniente da medicina tradicional chinesa, e a fitoterapia, não há na Política nenhuma menção de atividade associada à Medicina Tradicional Africana, fato que pode refletir tanto a insuficiência de políticas públicas voltadas à valorização do legado afro-brasileiro, como o racismo institucional contra a população negra persistente na sociedade brasileira. Não raro, há a apropriação de símbolos provenientes de saberes tradicionais por terceiros para fins de comercialização, sem referenciar a fonte e muito menos o compromisso com a importância cultural, política e espiritual daquele instrumento. Nesse sentido é fundamental que processos que busquem se aproximar de saberes provenientes de culturas tradicionais tragam os próprios sujeitos dessas tradições para o protagonismo do saber, a exemplo das pesquisas sobre plantas medicinais na política de saúde que precisam ir além do uso de princípios ativos, mas incorporar a visibilidade dos conhecimentos tradicionais, bem como seus mestres. A Resolução nº 715 do Conselho Nacional de Saúde traz em sua orientação nº 46:

> (Re)conhecer as manifestações da cultura popular dos povos tradicionais de matriz africana e as Unidades Territoriais Tradicionais de Matriz Africana (terreiros, terreiras, barracões, casas de religião, etc.) como equipamentos promotores de saúde e cura complementares do SUS, no processo de promoção da saúde e a porta de entrada para os que mais precisavam e de espaço de cura para o desequilíbrio mental, psíquico, social, alimentar e com isso respeitar as complexidades inerentes às culturas e povos tradicionais de matriz africana, na busca da preservação, instrumentos esses previstos na política de saúde pública, combate ao racismo, à violação de direitos, à discriminação religiosa, dentre outras (BRASIL.CNS, 2023 p.12).

Este documento é uma via referencial importante, proveniente dos tensionamentos que os povos de matriz africana e movimentos sociais têm feito há anos para o reconhecimento dos saberes afro-brasileiros na política de saúde. Ao destacar o papel dos terreiros na fiscalização do SUS e estes espaços como promotores de saúde, a resolução fortalece a importância do legado afro-brasileiro na constituição da cultura do país e de instrumentos medicinais provenientes de manifestações tradicionais de matriz

africana serem inseridos no SUS formalmente como pic's. Apesar do termo "religiões de matriz- africana" abarcar diversas tradições que possuem fundamentos próprios - como o Candomblé, Umbanda, Tambor de Mina, Batuque, entre outras - algo em comum em todas elas é a frequência com que pessoas as buscam motivadas por questões de saúde após um "desengano" na relação entre paciente e saúde formal. Ao tratar de uma cosmovisão que não separa a natureza da vida humana, ritualísticas de matriz africana muitas vezes são compreendidas como respostas em meio ao esgotamento do tratamento médico tradicional, seja em relação ao método de cuidado ou no racismo que impede o adequado acesso ao tratamento, e em muitos casos são o primeiro recurso que se busca antes de acessar uma unidade de saúde. "Se a cabeça não está em sintonia com a vida, com as relações afetivas, o corpo adoece", aponta Maria Heloísa de Oxum, Ialorixá do Ile Axé Alaketu Oju Oxum (Fiocruz, 2023, p.1). Todavia, o racismo tem apagado a rica contribuição que a Medicina Tradicional Africana pode trazer ao Sistema Único de Saúde em suas tradições que correlacionam-se à compreensão da OMS de fatores biopsicossociais que levam ao adoecimento, uma vez que o terreiro configura-se como um "corpo-território-negro" (Fiocruz, 2023, p.1). A resolução aponta como os terreiros têm sido importantes espaços de portas-abertas para o acesso de sujeitos que vivenciaram diversas violações, sendo assim equipamentos promotores de saúde. Daniel Pereira, Babalorixá da CREIA Oxaguiã, aponta que em muitos casos os terreiros preenchem lacunas onde o Estado foi ausente, sendo prontos-socorros (Fiocruz, 2023). Uma vez que há ausência ou inadequadas políticas públicas de saúde que sejam capazes de atender as demandas da população negra, isso corrobora para que em muitos casos os espaços que resgatam e fortalecem a identidade negra como parte de um tratamento em saúde, como os terreiros, sejam priorizados em relação ao tratamento tradicional.

O dia 21 de janeiro é definido como Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa pela Lei nº 11.635 de 2007. Nessa data rememora-se a passagem da Yalorixá Gildásia dos Santos e Santos, conhecida como Mãe Gilda de Ogum, que faleceu de um ataque cardíaco após ser vítima de agressões e difamações quanto a sua fé e caráter. "Intolerância religiosa" ainda é um termo que não abarca o que as religiões de matriz africana sofrem no Brasil, sendo mais apropriado falar sobre "racismo religioso", pois é a herança negra e africana que incomoda uma sociedade profundamente racista como a brasileira.

4. Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar o processo de implementação de saberes tradicionais de religiões de matriz africana no SUS práticas integrativas e complementares em saúde. A partir do conhecimento básico da cultura iorubana, conclui-se que se trata de uma cultura rica em tradições medicinais capazes de auxiliar, tratar, curar e prevenir enfermidades de adeptos da religião com base na espiritualidade dos sujeitos e filhos de santo, através de seus rituais. Entretanto, pontua-se que essas tradições são atravessadas pelo racismo religioso tão presente na estruturação da sociedade brasileira, afetando diretamente os sujeitos que as praticam.

Na política pública de saúde, se faz possível destacar a presença desse racismo religioso/institucional através da ausência de práticas afro-brasileiras reconhecidas como pic's. Interessa dizer ainda que tais saberes ancestrais, além de sofrer com o racismo, são dilapidados e expropriados pela indústria farmacêutica, uma vez marginalizados como se não possuíssem tecnologias e reconhecimento científico. As contradições se repõem e se agudizam através da apropriação e exploração das diversas formas de riquezas sociais e econômicas. Além da destituição de detentores e guardiões dessa rica, diversa e necessária constituição e transmissão de saberes.

A relevância da temática da presente pesquisa se expressa ainda no fortalecimento da compreensão ampliada do conceito de saúde, que embasa a formulação, gestão e execução de políticas públicas no campo da saúde mais qualificadas, humanizadas e atentas ao processo integral de vida dos sujeitos, de forma a não atuar apenas no combate à doença, mas também em sua prevenção e na promoção da qualidade de vida contínua dos sujeitos.

Outrossim, a luta pela implementação dos saberes tradicionais de religiões de matriz africana no SUS como Pics ainda trata de outro confronto: o do combate ao racismo na sociedade brasileira. Compreender o racismo como determinante social de adoecimento e viabilizar os instrumentos necessários para seu enfrentamento é elemento essencial para a garantia de um Sistema Único de Saúde comprometido com seus princípios fundamentais, sendo estes a universalidade, equidade e integralidade. O terreiro é um lugar sagrado, onde é possível vivenciar trocas e conexões, sendo possível compreender o terreiro para além de um ambiente espiritual, mas espaço de trocas afetuosas, culturais, materiais e ancestrais. Nesse sentido, baseado na concepção do

terreiro como corpo-território-negro (Fiocruz, 2023) analisou-se a sua fundamental importância como promotor de saúde, sobretudo para a população negra, ao resgatar e fortalecer referenciais da cultura afro-brasileira que apontam para o enfrentamento às iniquidades sociais em saúde e abertura a outras compreensões acerca da relação dos sujeitos com outros pares, território, política, meio-ambiente e espiritualidade.

Referências

ALVES, Miriam Cristiane; SIMINOTTI, Nedio. **Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. Revista da Saúde Pública, p. 85-91, 2009.**

ALVES, Miriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira de; SEMINOTTI, Nedio. **Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana: O Sujeito Bio- Mítico-Social**. Revista da ABPN, v. 9, n. 23 • jul–out 2017, p.194-222.

BRAGA, A. P.; BARROS, A. R. C.; RODRIGUES, A. C. **Cosmovisão africana das ervas que atuam em "males" psíquicos em Fortaleza**/CE. In: **Simpósio de Pesquisas em Ciências Médicas**, 3., 2017, Fortaleza. Actas do [...] [trabalho apresentado]. Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, UNIFOR, 2017

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde (CNS). **Relatório Final da 17ª Conferência Nacional de Saúde**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2023.

ELPIDIO, M. H.; VALDO, J.P. S. **O Serviço Social na encruzilhada a questão racial e o projeto de formação profissional**. v. 22 n. 2 (2022): Libertas - ISSN: 1980-8518 (jul/dez, 2022) / Artigos - Dossiê temático. Revista Libertas, Juiz de Fora,v.22, n.2, p.316-333,jul.
/ dez. 2022.

FIOCRUZ, IdeiaSUS. **Vozes da Saúde: novo episódio realça importância dos saberes tradicionais das religiões de matrizes africanas** - Disponível em: Vozes da Saúde: novo episódio realça importância dos saberes tradicionais das religiões de matrizes africanas . 2024.

FIOCRUZ, Radis Redação. **A ponte entre os terreiros de matriz africana e o Sistema Único de Saúde** – Pós-tudo. 2023

GUIMARÃES, Samuel Novaes. **Obaluaê, o médico entre os Orixás**. 2017. 11f. TCC (Graduação) – Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Orientador: Prof. Dr. Volney José Berkenbrock.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. **O Orí, a saúde e as doenças dos(as) filhos(as) de santo. Horizonte**, Belo Horizonte, v. 20, n. 62, p. e206207, 2023.

NASCIMENTO, W. F. **Olojá: Entre encontros - Exu, o senhor do mercado**. Das Questões, [S.l.], v. 4, n. 1, 2016

MINISTÉRIO DA SAÚDE - **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - Atitude de Ampliação de Acesso**. 2006.

MOURA, Clovis. **O Racismo como Arma Ideológica de Dominação**. 1994.

PAZINI SANTANA, C., & PEREIRA REID dos Santos, A. F. (2022). **O Demônio São os Outros: a discriminação ao Candomblé como manifestação do racismo.** Revista Calundu, 5(2).

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a Morte: Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2008.